

História da Arte

Da Pré-História ao Pós-Moderno

História da Arte – Da Pré-história até os nossos dias

1 – Pré-História

A arte na Pré-História marca a presença do ser humano na terra a partir da expressão de sua vida interior. Surge como uma necessidade humana.

O artista não estava interessado em agradar e sim em evocar.

Evocar as forças invisíveis da natureza a fim de conseguir o seu próprio sustento, através da busca de forças misteriosas. No mundo pré-histórico existia uma infinidade de símbolos, alguns para nós indecifráveis outros relacionados com a vida, a fertilidade e a proliferação da espécie.

No Paleolítico superior o grande objetivo símbolo é o animal sagrado – ídolo e sustento.

A Arte pré-histórica não possui fronteiras – é livre para qualquer direção, nela o sagrado se mistura ao profano. É uma arte puramente abstrata com simbologia de caráter mágico, místico ou sagrado.

A base predominante dessa arte é o contorno – a superfície é aproveitada com suas saliências e reentrâncias para que a pintura seja colocada sobre ela.

Simbologia

Mãos – eram o instrumento que dava ao homem um poder superior - (ferramentas, armas) - expressam uma força especial de significados mágicos, são sempre uma forma de súplica ao mundo invisível pedindo proteção, auxílio.

Círculo – é a primeira forma regular da arte primitiva.

Símbolos da Fertilidade – através da representação dos atributos sexuais o homem desejava a perpetuação da espécie.

Animal – cada imagem de animal fornece ao homem de hoje uma informação sobre a motivação religiosa e seus primeiros impulsos.

O Paleolítico

O Homo Sapiens se expandiu a aproximadamente 4000 anos. Na Europa entrou em contato com o homem de Neanderthal que acabou desaparecendo. Nesse período – Paleolítico Superior nasce a arte e começa a se engatinhar.

Havia várias formas de expressão – couro decorado, cestaria e trabalhos em madeira, contudo o que chegou entre nós foram as esculturas e pinturas de caçadores do Paleolítico Superior. Nessa época havia pequenas estatuetas de osso, argila conhecidas como Vênus. Elas têm um exagero dos traços sexuais em detrimento do restante do corpo. As mais famosas apareceram na França, Itália e Alemanha (Willendorf). A grande arte do paleolítico é a pintura RUPESTRE – onde os melhores exemplos são as cavernas de Lascaux (França) ou a de Altamira (Espanha). Nelas existem todos os tipos de símbolos, linhas paralelas, ziguezagues, esferas, círculos, pontos, mãos em positivo

ou negativo, bisões, cavalos, cervos - ausência da figura humana. O contorno é uma das bases da arte Paleolítica.

O Neolítico

Durante esse período acentua-se a tendência esquemática na pintura. Tudo o que era forma natural se converte em signos afastados da realidade. Podemos citar a figura humana representada como uma circunferência cortada por um traço vertical.

Surge a agricultura, surge o animal doméstico e com eles aparece a cerâmica, muitas vezes decorada.

As mobílias sofrem uma revolução, contudo o uso da pedra e do osso permanece.

Surgem as primeiras casas feitas de pedras – Arquitetura Megalítica, aparecem também as moradias, os currais e **as tumbas**. Outro tipo de edificação foram os **dolmens**, as câmaras mortuárias, sepulcros de corredor e posteriormente sepulcros de cúpula.

2 – Mesopotâmia (significa país entre dois rios)

A Mesopotâmia encontra-se entre os leitos do Tigre e do Eufrates, onde duas regiões diferentes são percebidas.

Norte – Alta Mesopotâmia – alta, montanhosa, fria, onde se instalaram os Assírios e os Acádios.

Sul – Baixa Mesopotâmia – planícies férteis, clima quente, habitada por Sumérios e Babilônios.

A cultura mesopotâmica inicia-se com a chegada dos sumérios por volta de 3200 a.C., onde não existiu um Estado único. Os sumérios, os acadianos, os assírios ou os babilônios foram adotando a cultura dos seus predecessores. Ali não existiu uma única civilização – encontramos quase sempre frente a uma superposição cultural de milhares de anos.

(Moeda – Roda – Astronomia – Sistema Sexagesimal – 1º Código de leis – Correio – Irrigação Artificial – Arado – Vela – Arreios – Metalurgia do Cobre e do Bronze) – foram as inovações que primeiro despontaram no planeta.

A arte mesopotâmica não vem revelar beleza e estética, mas vem a serviço do poder ou da religião e com o passar do tempo entrelaça-se à política. Nunca se volta contra a religião. Os reis e os sacerdotes é que estabelecerão as artes para juntos desfrutarem, em próprio proveito os efeitos da produção artística.

Os artesãos são desconhecidos, seguem padrões já estabelecidos com modelos onde a arte é anônima. Não é imutável, ao contrário, vai se modificando através dos três milênios que durou.

A Arquitetura

As principais construções da Mesopotâmia onde se vislumbra a grandeza e a imponência aparecem nos templos e nos palácios. Os sumérios, grandes engenheiros, construtores e arquitetos, assentaram as bases arquitetônicas que serviram de base para diversas culturas.

O tijolo foi o material mais empregado, uma vez que a escassez de pedras era grande e também havia a abundância de argila.

Normalmente os tijolos eram empilhados, não havia janelas, formavam edifícios maciços de aspecto sólido. A luz e o ar entravam por aberturas nos tetos ou nos pátios internos. Havia grandes portas e a planta do edifício era estruturada em torno de um ou mais pátios.

Os Zigurates

O zigurate é o edifício típico da civilização mezopotâmica, todo construído com tijolos. Neles o terraço é parte essencial nos edifícios mais antigos, por volta de 3000 a.C. - trata-se de um santuário colocado sobre uma série de degraus decrescentes e sobrepostos. Tem grande semelhança com as pirâmides egípcias, daí a suspeita de que talvez houvesse relação entre eles.

O mais surpreendente é a semelhança que existe entre as pirâmides escalonadas da América Central e os zigurates, todos tão afastados no tempo e no espaço. Quase nada se sabe sobre os zigurates, apenas que tinham um caráter sagrado.

Havia altares, tronos, moradas divinas, observatórios astronômicos, oratórios de pedra – tudo isso servia como um convite para que os deuses descessem à terra para elevar o homem aos céus para que se reunisse às divindades.

A Pintura

Quase nada se pode dizer nesse aspecto, uma vez que as pinturas que chegaram até os nossos dias são de pouca importância.

A Escultura e o Relevo

As diferenças de estilo que chegaram até nós são evidentes.

Sumérios - toscos e esquemáticos

Babilônios – famosos por seus suntuosos e chamativos relevos em azulejos.

Assírios – relevos de batalhas cruéis, cenas de caçadas, eróticas, todas de uma expressão inigualável. Para os babilônios, Deus é maior que o rei, o rei é maior que o vassalo e este é maior que o inimigo.

A arte é mais racional que emocional e pretende representar a realidade das coisas. No ser humano a figura forma um todo que ignora a anatomia. A figura aparece de perfil enquanto os ombros e o tronco são vistos de frente.

A escultura tem vulto redondo, é uma forma geométrica pouco natural, frontal onde a falta de movimento é uma grande característica.

Os jardins suspensos da Babilônia

Na primeira relação dos monumentos onde se citavam as Sete Maravilhas do mundo antigo, as muralhas da Babilônia eram um deles e foram substituídas pelo Farol de Alexandria e a outra eram os Jardins Suspensos.

Pouco se sabe sobre eles, apenas que é atribuído à rainha assíria Semíramis (séc. IX a.C.) em uma das versões. Em outra, conta-se o seguinte:

Amites, amada esposa de Nabucodonosor, foi criada entre vegetações exuberantes e deprimia-se na calorosa, retilínea e plana Babilônia. O rei não admitia tal fato, então construiu uma série de terraços escalonados, onde plantou palmeiras, flores e instalou um mecanismo para levar água do rio até o terraço superior, dali era distribuída por

todos os andares. O verde caía das alturas e dava um frescor às tardes quentes daquela Babilônia, onde vistos de longe, pareciam estar suspensos.

Não se tem notícias concretas ou escritas da existência dos jardins.

3 – Egito

Terra das tumbas e dos templos, todos desejavam ressuscitar depois da morte, em um Além que seria uma reprodução da vida da terra.

Por isso deram atenção ao culto de seus defuntos e aos seus deuses, onde grande parte de suas manifestações artísticas eram dedicadas ao triunfo da vida após a morte.

Arquitetura

Templos – os templos não eram construídos para que os fiéis se agrupassem, eram a morada dos deuses encarnados em suas estátuas. Diariamente se fazia um extenso ritual onde a estátua era lavada, vestida e alimentada e a ela eram entregues oferendas. A divindade dava em troca: prosperidade, abundância, amor, paz, boas colheitas e uma cheia nas águas do Nilo. Dos templos do Antigo Egito quase nada restou, uma vez que eram feitos de materiais perecíveis. O mesmo aconteceu com o do Médio Império. No Império Novo os monumentos eram de pedra e de uma forma exagerada. As construções gigantescas ocuparam lugar de destaque e mostravam a aliança entre o soberano e os deuses.

Tumbas

Mastabas– durante os primeiros tempos do Império Antigo, as tumbas reais eram câmaras revestidas com tijolos em grandes buracos cavados na areia do deserto, cobertas com uma construção simples, retangular – Mastaba (parecia um banco de pedra), daí vem o seu nome derivado do árabe que significa banco. Todos usavam as mastabas no Império Antigo, pois elas pretendiam reproduzir a morada terrestre do morto, ao mesmo tempo em que eram destinadas a um lugar de culto.

Pirâmides – A partir da dinastia IV a pirâmide escalonada transformou-se em uma verdadeira pirâmide, régia, colossal, cujo sepulcro era colocado dentro ou embaixo da construção. A pirâmide proclamava uma fusão do faraó com o símbolo do sol. Algumas pirâmides possuem ao seu lado pirâmides menores, chamadas pirâmides das rainhas. A magnitude delas era tanta que, se hoje fossem construídas, causariam grandes problemas técnicos e de ordem administrativa. Seria necessário que fossem dirigidas: a escavação da pedra na pedreira, o seu transporte e o resto dos materiais que seriam utilizados, assim como a elevação correta das rampas. A quantidade de trabalhadores chegaria a 100.000 homens, com alimentação, roupas e alojamentos. Restam muitas dúvidas sobre o processo construtivo delas, uma vez à medida que ganhavam altura era necessário que as pedras fossem elevadas cada vez mais e fica descartado o uso da roda nessa época.

De todas as pirâmides, as que mais se destacam são as três célebres de Gizé, da IV Dinastia. A grande pirâmide de Quéops é um colossal monumento de 230 metros de lado e 140 metros de altura que demorou vinte anos para ser construída. A de Quéfren conserva o revestimento original de mármore na sua cúspide. Outro grande monumento é a esfinge de Gizé, cujo rosto é o do faraó Quéfren e que representa o Deus Sol em

forma de leão. A de Miquerinos, menor, possui duas câmaras funerárias e três pirâmides subsidiárias.

Escultura, Relevo e Pintura – os egípcios acreditavam na imortalidade e num Universo regido e ordenado pelos deuses e o faraó. Para que o morto pudesse viver no outro mundo, era necessário que seu corpo, morada do **ka** ou espírito, se conservasse (daí a mumificação de cadáveres), ou em sua falta, encontrar um substituto. O defunto também necessitaria de perfumes, alimentos, bebida, roupas, ferramentas e adornos. Por tudo isso, fazia-se uma imagem idealizada do personagem, representado jovem e vigoroso, com a inscrição do nome e dos títulos que dotavam a estátua de uma personalidade concreta. As pinturas e os relevos tinham a função de representar o cotidiano do morto de modo desfrutaria na vida eterna uma vida semelhante a da terra.

Representação do corpo humano – era apresentado com um desejo de representá-lo em sua totalidade - partes salientes eram colocadas de perfil, o olho era sempre de frente juntamente com as demais partes. Os ombros estão de frente e o peito e o abdômen de lado, um só peito, tanto para homens ou mulheres. Pernas e braços sempre eram representados de perfil, as mãos não eram diferenciadas (esquerda ou direita). Pés juntos representavam pessoas mortas e quando separados, representavam pessoas vivas.

A escultura - as estátuas eram feitas de pedra, embora empregassem madeira, cobre, bronze ou ouro. A partir da II Dinastia aparecem estátuas de faraós sentados nas atitudes clássicas da arte egípcia. O tronco é maciço, os punhos são fechados e o faraó é representado de uma maneira atemporal com o olhar fixo na eternidade sem refletir sentimentos, impassível. A escultura obedece às leis da frontalidade, o que contribui para realçar a sensação de calma e poder. As estátuas se apresentam em dois modos: a oficial e a funerária; a primeira é ideológica, mostra o rei como um grande governante, investido de grande autoridade, por isso as estátuas do faraó eram colocadas nos templos e nas fronteiras do Egito denotando força e poder. A funerária, nos túmulos era representada de uma forma imortal, destacando os rostos individuais com detalhes muito marcados e traços reconhecíveis.

A função das estátuas era sempre ter o olhar voltado para frente isento de emoções. Também nela se escrevia o nome do proprietário. No antigo Egito havia diferentes tipos de estátuas – homens em atitude de caminhar, mulheres com as pernas juntas e com os braços colocados ao lado do corpo ou sobre o peito. Também são freqüentes as estátuas sentadas com os braços e as mãos repousando sobre as pernas. São desse período as estátuas dos escribas, geralmente sentados no chão ou sobre uma esteira, lendo ou escrevendo nos papiros. As estátuas se caracterizam pela rigidez e pela falta de movimentos.

Artesanato - os palácios estavam mobiliados com grande riqueza. Havia camas de madeira entalhadas, com marfim, e apliques de metais preciosos. Os lençóis e as colchas eram do mais fino linho. Naquela época já existiam camas dobráveis para viagem. Havia guarda-sóis destinados às cerimônias ao ar livre. Foram descobertos assentos com buracos no meio destinados à função de vaso sanitário. Havia a louçaria e vasilhames para se colocar a cerveja.

O relevo e a pintura – o relevo pintado é a forma ideal de decoração, empregado tanto nas tumbas como nos templos. Era realizado em pedra e podia ser pintado passando uma mão de gesso sobre palha e barro. Usavam cores contrastantes que

obtinham de substâncias minerais – cal, carvão, gesso ou ocre. O método era a têmpera, onde os pigmentos eram diluídos em cola.

À partir da V Dinastia aparecem no interior da pirâmide os Textos das Pirâmides, que eram hieróglifos que recolhem os rituais, sortilégios, receitas e práticas necessárias para assegurar ao faraó um destino bom no além.

No Império Novo as tumbas são adornadas com pinturas e relevo, as câmaras funerárias são ornamentadas com hieróglifos copiados dos papiros que continham o Livro dos Mortos. Também as tumbas particulares eram assim decoradas. Nas paredes as cenas são colocadas em faixas horizontais. A principal é a do proprietário sentado a mesa de oferendas. As inscrições do nome do defunto, de suas qualidades e seus títulos eram ali colocadas. Uma lista das oferendas era relacionada – imagens mágicas, produção de alimentos, cenas de sementeira, colheita, armazenamento, trabalho nas padarias, nas cervejarias, tecelões fazendo as vestes do morto, cenas do cortejo fúnebre, rituais do enterro ou a viagem do morto em navio pelo rio.

Escribas e funcionários públicos – a atividade de maior prestígio era a de um escriba. Todos os maiores funcionários do reino gostavam de ser representados como escribas. Escrever era sinal de autoridade.

Escriba era um membro da burocracia que escrevia (como um funcionário de escritório); num mundo de analfabetos, o homem que escrevia e lia tinha a chave do poder. Escribas no Egito pertenciam às minorias dos dirigentes.

4 – Grécia

As primeiras civilizações do Egeu

Creta – A mais rica e esplêndida cultura do Egeu foi a Cretense ou Minóica cujo início se deu por volta de 3000 a.C. e atinge seu apogeu entre 1650 a 1450 a.C. Os minóicos desenvolveram uma civilização urbana plena, onde havia comércio, navegação e cuja existência girava em torno de palácios que eram centros administrativos, econômicos, religiosos e políticos. O mais importante foi o de Cnossos. Nele estão presentes as influências do Egito e do Oriente. No seu interior havia grande quantidade de pinturas, murais, afrescos que constituíram as mais notáveis manifestações artísticas dos cretenses. As manifestações artísticas dos cretenses eram de caráter naturalista, com apresentação de animais e da natureza. A paixão pelo movimento é presente com ritmo e ondulações. As figuras humanas também apresentam uma postura ritualística e simbólica. Em 1375 a.C. Cnossos é destruído e incendiado e Creta perde sua posição de destaque no Egeu.

Grécia Arcaica e Clássica

Arquitetura – o templo grego

Um dos traços mais destacáveis da arquitetura grega é o aparecimento de um edifício destinado a um culto independente. Com missão de proporcionar uma residência ao deus, representado por uma estátua, a comunidade se concentrava em torno dos altares erigidos com a finalidade de ofertas e sacrifícios. O templo grego é uma das mais fantásticas criações da arquitetura religiosa. A planta definitiva apareceu no final do século VII a.C. onde os primeiros eram de pedras.

As ordens - A maior conquista grega no campo arquitetônico foi a criação de três ordens clássicas: **dórica, jônica e coríntia**. No século VI a.C. as ordens dórica e jônica se tornam ordens canônicas com regras precisas.

Dórica – desenvolvida a partir do século VII, a coluna sem base era a mais simples.

Jônica – nasce nas costas da Ásia Menor, suas dimensões são mais esbeltas e prepondera nele uma busca de valores ornamentais São mais sofisticadas que a jônica.

Coríntia – usa uma parte do estilo jônico, porém é a mais sofisticada com folhas em forma de coroa sobrepostas, Tornou-se a mais popular na arquitetura grega e romana.

A Acrópole de Atenas – em 480 a.C. os persas destruíram os templos e estátuas da Acrópole. Sua reconstrução sob o comando de Péricles na segunda metade do século V a.C. alcançou a maior perfeição da chamada arte clássica grega.

O Pártenon edificado em mármore é o exemplo mais perfeito da arquitetura dórica. O projeto foi encomendado a dois arquitetos Ictinos e Calícrates e a decoração com esculturas a Fídias. Os arquitetos aplicaram uma série de refinamentos arquitetônicos destinados a corrigir a visão humana com a intenção de produzir uma ilusão de ótica de verticais e horizontais rigorosamente retas. Em 1687 explodiu um paiol de pólvora instalado pelos turcos no interior do Pártenon o que o converteu em uma ruína. No princípio do século XIX os ingleses retiraram grande parte das estátuas e hoje elas se encontram no Museu Britânico.

A Escultura – A maior parte dos restos conservados até hoje se deve a durabilidade da pedra sejam de mármore ou de calcário. Entretanto, os gregos usaram muito a madeira, a terracota, ouro, ferro e o bronze. Muitas das obras primas foram executadas em bronze, porém desapareceram com o tempo e somente permaneceram as cópias romanas em mármore.

Da época arcaica o protótipo da escultura é o KOUROS, jovem de pé, com braços nos flancos e as mãos fechadas. Nessas estátuas, vemos a influência egípcia na rigidez, na frontalidade, os braços colados ao corpo ou o pé adiantado. Ao contrário dos modelos egípcios os kouroi aparecem nus e com um sorriso que não representa alegria nem felicidade, uma vez que aparecem em estátuas de moribundos.

Aos poucos foram perdendo a rigidez e ganhando naturalidade, adquirem a forma em S, as pernas moldam-se, desaparece a frontalidade, os traços da fisionomia tornam-se mais naturais e ao final, adquirem mais movimento. As korai, equivalentes femininas dos kouroi, sempre aparecem vestidas com uma roupagem que adere ao corpo, apresentam um estranho sorriso, típico de toda escultura do século VI a.C. A escultura arquitetônica nasce, como os kouroi, no século VII e são colocadas nos frontões, nos frisos dos templos e nos ângulos dos telhados. Essas esculturas narram cenas mitológicas e religiosas. Nas estátuas divinas predominam as deusas e nas humanas os atletas vencedores, sempre esculpidos nus, enquanto as mulheres sempre com pesadas roupas, gradativamente vão sendo substituídas por vestidos molhados, túnicas leves que se colam ao corpo de forma que apareça o nu e a sensualidade. A escultura clássica é idealista, não representa o modelo real e sim um perfil grego.

Miron, que viveu no segundo terço do século V, dedicou-se especialmente a estátuas de deuses, heróis e atletas – **O Discóbulo**, jovem atleta captado no momento em que lança um disco – dotado de movimento.

Fídias – a escultura alcança o seu apogeu. Dirigiu o programa de esculturas da Acrópole e trabalhou no Pártenon .

Policleto – esculpiu jovens atletas – **O Doríforo**, que conhecemos por inúmeras cópias romanas. É um musculoso moço de ombros largos, sério, pensativo, carrega uma

lança e cujo peso cai sobre uma das pernas enquanto que a outra fica para trás, o que produz uma sensação de movimento.

No século IV a escultura perde a serenidade e passa a mostrar sofrimento, ternura e a sensualidade. Cada rosto adquire expressão e começam aparecer os nus femininos. Os escultores mais renomados são **Praxíteles, Scopas e Lisipo**.

5 - Roma

Um dos legados mais importantes que conhecemos como mundo ocidental foi herdado da civilização romana. No século VII a.C. Roma era uma pequena cidade situada no Lácio, região central da península Itálica. Já no século II a.C. era a potência máxima do Mediterrâneo. A admiração era tão grande pela cultura grega que até um vocábulo foi criado “Greco-Romano”. Roma não só se limitou a imitar, mas sim soube unir influências – grega, etrusca, egípcia e do Oriente desenvolvendo um estilo pessoal, original, sincrético e cosmopolita.

Os romanos se tornaram excelentes engenheiros e em seus edifícios predomina o útil sobre os valores estéticos.

Arquitetura

Métodos e Materiais de Construção

Os romanos adotaram as ordens dórica, jônica e coríntia em respeito aos gregos, adotaram também um estilo toscano que era de influência etrusca. É criação romana o arco pleno e a abóbada, traços marcantes de sua arquitetura. Também usaram grossos pilares. Graças a novos engenhos e materiais fizeram construções de abóbadas enormes, onde usavam pedras, tijolos e o *opus caementicium* - uma forma de concreto descoberta era uma argamassa de cal líquida, areia, pedras e água. Essa mistura se consolidava rapidamente e com isso projetos arrojados puderam ser elaborados.

A Cidade

A cidade constituiu a base da vida social, política, administrativa, econômica e religiosa da civilização romana. Muitas cidades tiveram sua origem em acampamentos fortificados (como Colônia na Alemanha). O traçado da cidade obedecia duas vias principais que se cortavam em ângulo reto. No cruzamento destacava-se o foro e o centro onde se destacavam os principais edifícios públicos e sagrados distribuídos ao redor de uma praça – basílica dedicada aos negócios e ao comércio, mais tarde também à justiça, a cúria (sede do governo municipal), lojas (tabernae), pórticos, templos e monumentos comemorativos.

A Escultura

Relevos

Os romanos eram interessados nas coisas reais, portanto desprezaram os relatos mitológicos em favor dos fatos ligados à administração do Império. Os relevos atingem seu ponto máximo a partir de Augusto onde adquirem um plano de perspectiva e maior volume. Esculpiram-se com relevos, os altares, colunas, arcos (Arco de Tito e Arco de Constantino) por onde cruzavam os generais após suas vitórias.

O Retrato

Um gênero tipicamente romano é o retrato feito em mármore, pedra ou bronze, com apenas a cabeça, busto ou de corpo inteiro onde o personagem era retratado com seus traços físicos e psicológicos. A partir de Augusto se propaga o culto ao Imperador, motivo pelo qual eles são desde então retratados como deuses, reproduzindo suas feições. Os retratos femininos são um documento de primeira ordem para se conhecer a moda, os penteados e suas variações com o passar do tempo.

Os Espetáculos

O Anfiteatro

Na sua origem, os combates faziam parte de um ritual destinado a aplacar a fúria dos deuses. No final da República, isso passou a um segundo plano e tudo converteu-se em espetáculos destinados à plebe onde se transformou num instrumento político com o qual se conseguia o favor da cidadania. É o que se resume na expressão “**pão e circo**”. Para abrigar os combates violentos e sangrentos entre gladiadores, a luta com bestas, as feras selvagens que devoravam os homens ou as batalhas navais, surge um edifício novo que é uma invenção romana – O Anfiteatro que é uma construção plana, elíptica, com arquibancadas, muros, corredores abobadados. Todas as cidades contavam com um anfiteatro, mas, o mais grandioso foi o **Flávio** (século I dC) conhecido vulgarmente como o **Coliseu** de Roma, com uma capacidade aproximada de 75000 lugares. Seus alicerces e o núcleo foram realizados com concreto, os pilares e a fachada com blocos de pedra. O seu exterior, que combina arcos entre colunas e entablamentos, apresenta uma sobreposição de ordens toscana, jônica e coríntia em sentido ascendente.

O circo

As corridas de carros puxados por cavalos, normalmente quadrigas, eram feitas no **circo**, edifício derivado do hipódromo grego.

O Estádio

Os jogos atléticos são de origem grega. As modalidades mais usuais eram as corridas (nas quais participavam todos os atletas nus e descalços), o pentatlo (composto de salto em distância, lançamento de dardo, disco, corrida e luta (o pugilato e o pancrácio)). Tudo isso ocorria no Estádio, termo de origem de uma unidade grega equivalente a 180 metros, É semelhante ao circo, e às vezes se confundem. O Circo é o dobro do Estádio.

As Termas

O banho era um dos prazeres favoritos dos romanos e as termas adquiriram grande importância entre eles. Era um lugar para estreitarem-se as relações sociais, nas quais além de se tomar banho, os romanos conversavam, passeavam, liam, ouviam conferências, descansavam, jogavam ou praticavam esportes. Ali se vendiam bebidas, doces, faziam-se massagens e se podia depilar-se. Roma tinha mais de 200 termas abertas a todos independente da condição, do sexo ou idade de cada um. Inicialmente as salas eram aquecidas com braseiros, mais tarde usou-se um sistema chamado hipocausto.

Nos edifícios termiais havia uma série de aposentos de diferentes características e função, águas quentes, frias, banhos mornos ou temperados, muitos eram decorados com mosaicos. Nunca existiam edifícios termiais idênticos. No ano 64 dC, Nero implantou um modelo que foi muito imitado posteriormente. O edifício incluía vestiários (apodyteria), salas com piscinas de água quente (caldarium), morna (tepidarium) e fria (frigidarium), sauna (sudatio), além de latrinas, ginásios, salões, biblioteca e jardins.

A Engenharia

As obras públicas progrediram muito após os arcos, o cimento e o concreto, acrescidos do tijolo. As estradas eram pavimentadas com pedras e a mais famosa era a Via Apia, que unia Roma com Cápua. Nas sarjetas havia uma valeta canalizada para evitar que a água formasse poças e ocorressem inundações na via. Até hoje ainda existem trechos bem conservados.

Pontes eram erguidas para que os obstáculos fossem vencidos. Às vezes os rios eram esvaziados com uma bomba e o alicerce da ponte era feito sobre o leito seco. Os problemas de abastecimento de água foram resolvidos com a construção de aquedutos, que percorriam quilômetros para transportá-la das represas ou mananciais até o ponto mais alto da cidade de onde era distribuída para toda a região através de tubulações de chumbo e fontes. Águas poluídas eram eliminadas através de uma rede de esgoto subterrânea que cortava a cidade.

O teatro

O teatro foi adotado da Grécia pelos romanos, apenas com uma diferença – não se apoiava na inclinação do terreno e sim construído dentro das cidades com abóbadas e galerias de concreto. Na época de Augusto destacava-se o teatro Marcelo.